

8. 02.09 – Letras / Literaturas Clássicas.

A CRÍTICA SOBRE A COMÉDIA GREGA ENTRE OS ROMANOS POR HORÁCIO, CÍCERO E DIONÍSIO DE HALICARNASSO

Iasmim S. Ferreira^{1*}, Luciene L. Silva²

1. Estudante de IC da Univ. Federal de Sergipe - UFS
2. DLI-UFS – Departamento de Letras / Profa. Dra. Orientadora

Resumo:

Nossa pesquisa investiga a crítica literária produzida pelos romanos Horácio, Cícero e Dionísio de Halicarnasso acerca da produção comediográfica grega. O primeiro produz uma epístola sobre a arte de escrever, em resposta ao questionamento feito pela família dos Pisões. Nessa carta, também conhecida como *Arte Poética*, Horácio estabelece diretrizes para a produção literária. O segundo crítico, Cícero, embora não tenha deixado um escrito específico sobre a arte literária, expõe suas concepções em meio à sua produção sobre Retórica e História. O terceiro centra-se na imitação e produz um tratado acerca disso, assim como os outros dois, Dionísio conclama aos escritores romanos que observem a produção grega e tenham-na como exemplo a ser seguido. Desse modo, nossos principais objetivos são estudar as obras de Horácio, Cícero e Dionísio de Halicarnasso, sobretudo as proposições acerca da arte cômica herdada pelos gregos. Atentando para os principais ícones da comédia: Aristófanes e Menandro.

Autorização legal: Não se aplica.

Palavras-chave: Crítica literária romana; produção grega; comediógrafos.

Apoio financeiro: UFS/COPES/PICVOL.

Introdução:

A Grécia Antiga nos legou dois poetas cômicos que marcam dois tipos distintos de comédia: Aristófanes e Menandro, e com isso influenciam as gerações futuras. O primeiro nasce e morre em Atenas (447 - 380 a.C.), testemunha toda a Guerra do Peloponeso (431 – 404 a.C.) e o declínio do império de Atenas. Os temas recorrentes em sua produção são críticas ferrenhas à política, aos governantes atenienses, aos poetas trágicos e aos filósofos. O segundo nasce durante o reinado de Felipe II na Macedônia, acompanha os avanços deste império sob o comando de Alexandre, o grande (336 - 323 a.C.); morre em 292 a.C. Menandro é o precursor da comédia nova ou de costumes, aquela que se volta aos temas da vida comum. Assim, pouco a pouco, nos palcos do teatro grego a preocupação com a *pólis* cede espaço aos assuntos corriqueiros.

Recortamos para o presente estudo a recepção crítica da comédia grega produzida do final da República ao começo do Império Romano, período do domínio de Júlio César (45 a. C.) até o de Trajano (98-117 d.C.), em que se nota uma vasta produção latina acerca da comédia, seja através da produção de peças, seja através de teorizações acerca do gênero.

É de conhecimento geral que as primeiras obras da literatura latina foram as de Lívio Andrônico, por volta do século III a.C. Ele chegou nas terras romanas como escravo, prisioneiro de guerra, lecionava latim e grego. Como não havia produção literária latina nesse período, Lívio traduz as obras gregas para o latim, mas também compôs tragédias e comédias (*Gladiolus, Ludius, Virgo*).

Outros poetas contemporâneos a Lívio foram Névio e Ênio. O primeiro produz comédia à nova moda grega. O segundo produz tragédias típicas ao modelo de Eurípidés e outras produções épicas. Plauto e Terêncio, porém, são os nomes mais afamados na produção cômica latina, baseiam-se principalmente, na comédia de costumes e na produção de Menandro.

Não é em vão que os romanos acabam por preferir a comédia de Menandro a de Aristófanes. A comédia de costumes era mais próxima dos interesses do povo romano que a comédia de matéria política. Ao passo que, aos gregos, ambas tiveram glória. Pois, Aristófanes escancara o obscuro e Menandro mostra as coisas pequenas da vida corriqueira.

Preocupamo-nos com a recepção da comédia grega entre os romanos, particularmente com a crítica produzida por Horácio, Cícero e Dionísio de Halicarnasso, tomando como base o modelo grego, tais teóricos tecem padrões a serem seguidos na produção literária romana. Norteados quais autores devem ser lidos e imitados, que tipo de comédia deve ser produzida e o que interessa ao público romano.

Metodologia:

Inicialmente, a orientadora Profa. Dra. Luciene Lages selecionou as obras principais de Horácio, Cícero e Dionísio de Halicarnasso, bem como outras leituras solicitadas. Partimos para a revisão bibliográfica que trata do tema da comédia grega e da crítica produzida pelos três críticos citados. Tivemos encontros mensais com todo o grupo de pesquisa e reuniões individuais para discussão dos textos e fomentação do caráter crítico do discente/pesquisador iniciante. Posto isso, produzimos fichamentos das leituras teóricas e literárias e artigo científico para apresentação em evento e publicação em anais. Por fim, a redação do relatório final, o qual apresenta de forma mais ampla a pesquisa desenvolvida.

Resultados e Discussão:

Na *Arte Poética* de Horácio há o estabelecimento de diretrizes acerca de como deve ser a arte, quais os modelos a serem seguidos e o que se deve ser evitado. A epístola se dirige à família dos Pisões, trata-se de uma resposta a indagações feitas pela família acerca dos problemas da arte de escrever. A carta se consagra como “um conjunto sistemático de conhecimentos teóricos e práticos sobre a poesia” (TRINGALI, 1993, p. 49). A crítica desenvolvida por Horácio endereça-se aos romanos, e nesse ensejo os gregos são tomados como o molde artístico a ser seguido: “Vós, volvei os modelos gregos com mão noturna, volvei com mão diurna” (HORÁCIO, *Poética*; I, 269). O conceito de belo na *Poética* de Horácio é o equilíbrio entre as partes, a retirada dos excessos, da inverossimilhança, o mantimento da ordem. No nível lexical, a linguagem funciona como um objeto de escolha, de combinação, de seleção dos léxicos, de adequação das personagens ao que lhes concerne. Sendo o belo o que convém, o adequado; para Horácio a arte tende a padrões mais estruturais.

Alguns dos conceitos apresentados na *Arte Poética* de Horácio estão na *Poética* de Aristóteles, e por isso, é relevante fazer alguns apontamentos desses entremeios. A concepção de verossimilhança parte da distinção que Aristóteles faz da arte e da história. A primeira narra o que poderia acontecer e escolhe como vai narrar, a segunda narra o que aconteceu e em ordem cronológica. Ainda dentro do aspecto de verossimilhança, Aristóteles assevera que a literatura ou a poesia expõe sobre o universal, o todo, aquilo que é inerente a qualquer ser humano, sejam dores, sentimentos, necessidades. Sendo a literatura uma fonte do verossímil, e não necessariamente do concreto, do ocorrido de fato, e isto lhe confere a especificidade de ser mais filosófica e séria do que a história, conforme diz: “Por isso a poesia é algo de mais filosófico e mais sério do que a história, pois refere aquela principalmente o universal, e esta o particular.” (ARISTÓTELES, *Poética*, IX, 50).

Horácio, assim como Aristóteles, concede ao artista apenas alternativas no nível da expressão (metaplasmos, neologismos, arcaísmos etc.) e no nível do conteúdo, a liberdade de inventar está restrita ao cerco da verossimilhança, do possível, do crível. Assim a conveniência impõe limites à criação, permitindo algumas licenças de acordo com os estilos. Tanto em Platão e Aristóteles quanto em Horácio, a arte é concebida como imitação da natureza humana no seu agir. Para Platão essa imitação é sombra do mundo das ideias, e por isso, a arte é imperfeita e deturpadora. Para Aristóteles se constitui em uma imitação positiva, pois está relacionada a função pedagógica da arte (ARISTÓTELES, *Poética*, II, 7).

Aristóteles divide essa imitação de acordo com o gênero, os homens mais nobres são representados na tragédia e na epopeia, nesta última, especialmente os heróis; ao passo que, a comédia imita os homens comuns da sociedade. Horácio não só toma a arte como verossímil e imitativa da vida, mas define que modelo deve ser imitado, o grego. A arte como imitação da vida é um conceito imbricado ao prazer que vem da imitação e a função educativa que se exerce ao imitar.

Vale lembrar que tanto Aristóteles quanto Horácio reconhecem o valor da obra de Homero e toma-o como o grande nome dentre os escritores gregos. Quanto à finalidade da arte, consiste em inspirar sentimentos que são próprios de cada gênero. A tragédia suscita a piedade e o terror como aponta Aristóteles (ARISTÓTELES, *Poética*, IX, 56). Assim, Horácio conclama que “um assunto cômico não quer ser desenvolvido em versos trágicos” (HORÁCIO, *Poética*; I, 89), ou seja, cada gênero deve ser elaborado dentro de suas especificidades e deve suscitar sentimentos que lhes são próprios.

Quanto à obra de Cícero, Seabra Filho observa que os textos de Cícero são repletos de reflexões filosóficas, de ensinamentos, de história, de técnicas da redação e da arte retórica, e, perpassam o objetivo prático para o qual foram escritos. (SEABRA FILHO, 2013, p. 13). E ainda, podemos indagar, então: Sobre a arte, afinal, que é que Cícero apresenta de novo? “Quase nada que seja substancial, que seja da técnica de composição. Em verdade, ele passa para os romanos, para a literatura latina, toda a técnica grega sistematizada na Retórica de Aristóteles.” (SEABRA FILHO, 2013, p. 16). Assim, entre outras possibilidades, Cícero contribuiu para a literatura latina transmitindo a técnica da grega.

Cícero pontua as diferenças entre os gêneros e afirma que o literário não é simples, e sim múltiplo. Estabelece uma relação de dependência da produção latina no que tange à grega. Ele também alerta para as especificidades de cada um, sendo assim, na tragédia não deve haver comédia e na comédia o trágico, delimitando o tom de cada gênero. Falando acerca dos oradores, Cícero acaba estabelecendo o maior trágico e o maior cômico, em sua concepção, como mostra: “Pacúvio o maior trágico e Cecílio talvez o maior cômico.” (CICERO, *De optimo genere oratorvm*, II, 1).

Para o crítico Dionísio, a beleza de uma obra literária reside na musicalidade, no ritmo métrico demarcado, na variedade e na adequação ao gênero. Desse modo, “Dionisio cree haber encontrado el secreto de la belleza literaria, pues, aunque todos aceptan que un pasaje bello debe poseer musicalidad, ritmo métrico, variedad y adecuación” (SEGURA, 2005, p. 25). Com o objetivo de orientar aos seus alunos e aos amantes de literatura grega, escreveu o tratado *da Imitação* que se converteu em um verdadeiro manual para os romanos. Como crítico literário, Dionísio se interessou menos pelos atos e ideias do que pela forma de expressá-los. Ademais, Juan Segura observando os tratados de Dionísio, pontua que há conselhos para apreender aspectos da literatura e incorporá-los a retórica (SEGURA, 2005, p. 40 e 45).

O estudioso Juan Segura mostra o valor da crítica de Dionísio, que se torna uma referência obrigatória para aqueles que desejam estudar a crítica literária e a composição de discursos, chegando a influenciar a Hermógenes, Quintiliano, Siriano, entre outros; além de se tornar relativamente bem conhecido durante o Renascimento na Espanha.

Do que se tem conservado do tratado *da Imitação* são alguns fragmentos dos dois primeiros livros, um epítome do segundo e nada do terceiro; chegando por fontes distintas e de forma incompleta. Do que se têm ainda hoje e tivemos acesso, absorvemos algumas postulações. Como a definição de imitação: “La imitación es

la actividad que mediante la contemplación continuada reproduce el modelo.” (DIONISÍO DE HALICARNASSO, *Imitación*. II, 1). Para Dionísio se caracteriza como uma atividade de contemplar um modelo e reproduzi-lo.

Conclusões:

O primeiro crítico, Horácio, valora os homens gregos por serem ávidos no tocante as tragédias e comédias; e, ao fim do tratado, ele qualifica o drama satírico como a arte literária mais equilibrada, pois mescla aspectos da tragédia e da comédia, sem confundi-los, e harmonicamente. Alguns dos aspectos de sua *Arte Poética* dialogam com a *Poética* de Aristóteles, dentre eles: a imitação, a verossimilhança, a função pedagógica da arte, a valorização de Homero.

O segundo crítico, Cícero, não produz um tratado específico sobre a arte literária, como faz o primeiro, mas dentre os seus escritos sobre história e retórica, temos a sua posição filosófica e literária; interessamo-nos pela última. Ele fala do prazer agradabilíssimo e da elevação de espírito pela leitura; sistematiza a técnica grega para a literatura latina.

No que tange à linguagem, Cícero alerta para o uso de forma erudita e eloquente, em especial na arte retórica. Ao falar sobre os gêneros, classifica o literário como múltiplo e os demais como simples, ou seja, eleva a arte literária, e faz esse reconhecimento dentro de um tratado sobre retórica. Ele toma Menandro como referência para a produção de comédias em paralelo ao elogio que faz a Homero. Conforme diz: “Mas Menandro não quis ser semelhante a Homero: é que o gênero era outro” (CICERO, *De optimo genere oratorvm*, II, 6). Um fato interessante é que Horácio fala sobre deleitar, e deleitando, ensinar. Cícero fala para ensinar, e ensinando, promove-se o deleite (CICERO, *De optimo genere oratorvm*, III, 1). Por fim, reclama a leitura dos autores romanos, pois liam mais a Menandro que a Terêncio (CICERO, *De optimo genere oratorvm*, VI, 18).

Dionísio se dispõe a escrever um tratado sobre a imitação, e portanto, discorre especificamente sobre o que se deve imitar. Ele atribui uma consequência positiva decorrente da imitação dos modelos considerados célebres, a emulação, ou seja, o desejo de exceder, o que se torna um impulso de alma provocado pela admiração. Sobre os comediógrafos, solicita que imitem suas virtudes, valoriza Menandro e afirma ser necessário um tratamento especial para os seus textos. Destarte, o caminho que tracejamos apontou para a investigação da comédia grega, que surge dentro de um emaranhado de aspectos e características da sociedade grega, apontados acima, e, selecionamos as passagens em que temos o cunhar crítico sobre os ícones da comédia, Aristófanes e Menandro. Contudo, ao que parece, a relevância deste último para o povo romano se sobressai a do primeiro.

Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. *Poética*. Introdução, tradução e comentários de Eudoro de Sousa. Porto Alegre, Globo.

CARDOSO, Zélia de Almeida. O drama histórico latino e suas projeções no mundo renascentista e barroco. *Revista: Letras Clássicas*. N. 6, p. 161-195, 2002.

CICERO, Marco Túlio. *Brutus e a Perfeita Oratória*. (Do melhor gênero de oradores). Introdução, tradução e notas de José Rodrigues Seabra Filho. Belo Horizonte: Nova Acrópole, 2013.

CORDEIRO, A. Milho. INTRODUÇÃO, TRADUÇÃO E NOTAS. In: DONATO, Élio. *De Comoedia*. Coimbra: Artciencia, 2011.

CORDEIRO, A. Milho. INTRODUÇÃO, TRADUÇÃO DO LATIM E NOTAS. In: PLAUTO. *O truculento*. (c. 205 – 184 a. C.). São Paulo: Annablume Clássica; Coimbra: CECH, 2011. (Classica Digitalia Brasil. Coleção Autores Gregos e Latinos: Série Textos Latinos).

COUTO, Aires, Horácio crítico literário. *Revista: Mathésis*. N. 11, p. 125-163, 2002.

COUTO, A. Pereira do. INTRODUÇÃO, TRADUÇÃO E NOTAS. In: TERÊNCIO. *Formião*. Portugal: Edições 70. 1999.

DONATO, Élio. *De Comoedia*. Introdução, tradução e notas de Adriano Milho Cordeiro. Coimbra: Artciencia, 2011.

FINLEY, M. I. *Uso e Abuso da História*. Trad. Marylene Pinto Michael. São Paulo: Martins Fontes, 1989. (Coleção o homem / a história)

HALICARNASSO, Dionísio de. *Tratados de crítica literaria*. Introdução, tradução e notas de Juan Pedro Oliver Segura. Madrid: Editorial Gredos, 2005.

HARTOG, François. *A história de Homero a Santo Agostinho*. Trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Ed. EFMG, 2001.

HORÁCIO. *A Arte Poética*. Tradução, notas e comentários de Dante Tringali. São Paulo: Musa Editora, 1993.

(Ler os clássicos; v. 1).

LAGES, Luciene. Entre Aristóфанes e Menandro: a recepção crítica da comédia grega no fim da República e começo do Império Romano. *Revista: A Palo Seco*. N. 5, Vol. 1, p. 32-41, 2013.

PLAUTO. *O truculento*. (c. 205 – 184 a. C.). Introdução, tradução do Latim e notas de Adriano Milho Cordeiro. – São Paulo: Annablume Clássica; Coimbra: CECH, 2011. (Classica Digitalia Brasil. Coleção Autores Gregos e Latinos: Série Textos Latinos).

PITA, Luiz Fernando Dias. *Visões da identidade romana em Cícero e Sêneca*. 2010. 227 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras Clássicas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

TERÊNCIO. *Formiã*. Introdução, tradução e notas de Aires Pereira do Couto. Portugal: Edições 70. 1999.

SEABRA FILHO, J. Rodrigues. INTRODUÇÃO, TRADUÇÃO E NOTAS. In: CICERO, Marco Túlio. *Brutus e a Perfeita Oratória*. (Do melhor gênero de oradores). Belo Horizonte: Nova Acrópole, 2013.

SEGURA, J. Pedro Oliver. INTRODUÇÃO, TRADUÇÃO E NOTAS. In: HALICARNASO, Dionisio de. *Tratados de crítica literaria*. Madrid: Editorial Gredos, 2005.

TRINGALI, Dante. TRADUÇÃO, NOTAS E COMENTÁRIOS. In: HORÁCIO. *A Arte Poética*. São Paulo: Musa Editora, 1993. (Ler os clássicos; v. 1).